

Antônio Candido: Uma abordagem sintética para a sociologia da arte/literatura

Antonio Candido: a synthetic approach to the sociology of art/literature

Rosano Freire¹⁹

Resumo

Tomando como ponto de partida o estudo de Zolberg (2006) sobre o cenário das pesquisas em sociologia da arte e da literatura (que foi historicamente polarizado pela disputa entre estetas/críticos e historiadores/sociólogos), e sua ideia central, que caminha no sentido de afirmar a necessidade de uma postura convergente, chamada sintética, para melhor tratamento do objeto artístico, o objetivo deste artigo é de discutir a proposta teórico-metodológica de Antônio Candido e apresentá-la como instrumento de análise importante, que atende aos critérios elencados por Zolberg, e que pode/deve ser mais utilizado nas rotinas de pesquisa no campo da sociologia.

Palavras-chave: Antonio Candido. Sociologia da arte. Literatura. Abordagem Sintética.

Abstract

Taking as its starting point the study Zolberg (2006) on the stage of research in the sociology of art and literature (which has historically been polarized by the dispute between aesthetes / critics and historians / sociologists), and its central idea, which goes towards to affirm the need for a convergent approach, called synthetic for better treatment artistic object, the purpose of this article is to discuss the theoretical and methodological proposal of Antonio Candido and present it as an important analytical tool that meets the criteria listed by Zolberg, and that can / should be used in search routines in sociology.

Keywords: Antonio Candido. Sociology of art. Literature. Synthetic approach.

¹⁹Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UFRN (Doutorando); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3034-2218>. Email: rosanofreire@gmail.com.

Introdução

Tomando como ponto de partida o estudo de Zolberg (2006) sobre o cenário das pesquisas em sociologia da arte e da literatura (que foi historicamente polarizado pela disputa entre estetas/críticos e historiadores/sociólogos), e sua ideia central, que caminha no sentido de afirmar a necessidade de uma postura convergente, chamada sintética, para melhor tratamento do objeto artístico, o objetivo deste artigo é de discutir a proposta teórico-metodológica de Antônio Candido e apresentá-la como instrumento de análise importante, que atende aos critérios elencados por Zolberg, e que pode/deve ser mais utilizado nas rotinas de pesquisa no campo da sociologia.

De acordo com Soares e Morais (2006), no campo da sociologia as disputas estiveram sempre em torno de postulados "puramente sociológicos" e postulados sintéticos. Ver-se-á, de maneira sucinta, como as teorias e métodos de dois sociólogos vastamente utilizados em pesquisas em sociologia da arte/literatura, Howard Becker e Pierre Bourdieu, não alcançam de maneira satisfatória o objeto artístico. A proposta de Candido, por sua vez, seria mais sensível ao elemento estético. Ao leitor mais atento não será difícil identificar o fator subjacente às nossas discussões: a *forma*.

É bem verdade que o projeto intelectual de Antônio Candido permeia o cenário cultural brasileiro desde há muito, e, com mais força, a partir do último quartel do século XX. No entanto, notamos resistências, objeções e posturas refratárias ao seu uso na sociologia, justamente por ele ter construído grande parte do seu cabedal teórico em ou campo, o das Letras. Procuraremos, portanto, também tratar a trajetória de Candido e mostrar como o vínculo com a sociologia está imbricado em seus desde cedo.

Perspectivas metodológicas de abordagem

De início, é importante assinalar que a arte participa de um domínio complexo, onde, se no passado se divergia sobre o que era uma arte "bela", hoje

se discute, até mesmo, o que é e o que não é arte. Em outros termos, é uma área de difícil consenso e que abriga as mais variadas disputas. E dentro dessa disputa por definir aquilo que é válido como arte (teorizar sobre ela), passa também a questão de discernir os métodos e técnicas mais *adequados* para sua abordagem. Por isso que nesse âmbito a separação teoria/método não é tão simples – ou não é tão facilmente perceptível.

Dentro dela concorrem diversos discursos, que podem partir da academia, do estado, do mercado, de *experts* e colecionadores, dos próprios artistas ou de um grupo destes. Neste sentido, a própria sociologia da arte seria mais um discurso em batalha nesse campo. Claro que a sociologia não é um todo homogêneo e que “os sociólogos divergem entre si na maneira de ver a sociedade, os atores e os processos sociais” (ZOLBERG, 2006, p. 31), o que, por conseguinte, afetaria na maneira como cada um enxergaria a arte.

Mas, de um modo geral, pode-se dizer que existe um cabedal de contribuições da sociologia para o entendimento da arte, precisamente no seu tipo de análise que se concentra na “construção social de idéias e valores estéticos [...] e nos processos de criação ou produção, instituições e organizações” (Ibid, p. 32).

Essas formulações teóricas da sociologia encontram grandes dificuldades para se estabelecer no campo artístico, primeiro pelos problemas acima assinalados, que concernem à natureza de difícil definição da arte, e depois pelo “resultado de posições intelectuais e institucionais que tomam para si o estético, chamando a atenção para o possível despreparo da sociologia em relações a essas questões”, como sustenta Santana (2013), que produziu recente trabalho sobre os problemas metodológicos da pesquisa em arte/literatura.

Está, dessa maneira, posta a principal fratura na rotina das pesquisas em arte: de um lado, estariam reunidos todos aqueles que detêm a autoridade para versar sobre estética (críticos e filósofos da arte), e de outro, todos aqueles que lidam com elementos de vários níveis, menos com estética, e que estariam desabilitados para tratar de questões dessa ordem (sociólogos e historiadores).

Os primeiros, a quem Vera Zolberg (2006) chama de *humanistas*, são praticantes de um tipo de abordagem conhecida como *internalista*:

Com isso quer-se dizer que eles analisam seus elementos formais: técnicas e meios utilizados, conteúdo das imagens ou linguagem, influência estética de obra na mesma tradição ou similar. Eles veem cada grande obra como uma criação singular e significativa de seu criador. (ZOLBERG, 2006, p. 34).

Os segundos, que partilham da visão de que a obra de arte não pode ser compreendida apartada de seu meio social, lançariam mão de outra forma de abordagem, tida como *externalista*:

Em contraste com os especialistas da estética, os cientistas sociais partem da premissa de que a arte deve ser contextualizada, em termos de lugar e tempo, bem como, mais especificamente, em termos de estruturas institucionais, normas de recrutamento, treinamento profissional, recompensa e patronato ou outro apoio qualquer. Os sociólogos concentram-se na relação do artista e da obra com as instituições políticas e as ideologias, e outras considerações **extra-estéticas**. (ZOLBERG, 2006, p. 37 – 38, grifo nosso)

Não caberia aqui neste trabalho, pelo curto espaço a que se propõe, escrutinar de maneira extensa os programas metodológicos de Howard Becker e Pierre Bourdieu - só para citar alguns dos mais clássicos na área da sociologia, pois é claro que a discussão é muito mais vasta dentro dessa área - no que tange à análise sociológica de obras literárias. Mas também não seria interessante passar ao largo deles, sem ao menos ressaltar-lhes os principais pontos.

Então, mesmo correndo o risco de ser redutor, pode-se dizer, por exemplo, que Howard Becker (2010), em seus "mundos da arte", está muito mais preocupado em analisar os atores responsáveis por gerar sentido e valor aos objetos produzidos por esses mundos. Ator significa, então, dizer que para ele a obra é resultado de uma cadeia de produção que envolve (1) artista, (2) mercado distribuidor e (3) público minimamente habilitado. Ela seria, portanto, fruto da ação coletiva.

É isso (*análise de interações dentro dos mundos da arte*) que faz, por exemplo, com que o programa metodológico de Becker seja conhecido como um clássico da abordagem externalista: "não é possível dimensionar espaço para

uma sociologia da obra na sociologia da arte de Becker" (SANTANA, 2013, p. 41); "A abordagem de Becker é, seguramente, o exemplo mais claro de uma sociologia da arte em que a própria obra artística não tem muita importância" (MORAIS & SOARES, 2006, p. 12).

Bourdieu, na sua tentativa de superar a dicotomia agência/estrutura, erige os conceitos de *campo* e *habitus* – que vão se constituir na base para epistemológica das pesquisas em ciências sociais. Propõe, então, um método relacional, que buscará analisar *posições* dentro do campo, que dependerá da posse ou não do *capital* (econômico e cultural). Em *As Regras da Arte* (1996), Bourdieu aplicará suas principais ferramentas analíticas em um estudo empírico, neste caso, o romance *Educação Sentimental*, de Gustave Flaubert.

Entretanto, mesmo com sua referida tentativa, Bourdieu acaba pesando mais o lado estrutural, ao centrar-se, principalmente, nas *homologias* entre os campos e nas posições dentro dele, tangenciando, em certa medida, a obra em si: "o postulado metodológico é o da existência de uma homologia entre espaço das tomadas de posição (escolhas) e espaço das posições ocupadas no campo" (MORAES; SOARES, 2006, p. 31); "a questão central de Bourdieu será, então, não analisar a coisa em si (...), mas investigar o que o estatuto da coisa revela sobre o social que ela materializa" (SANTANA apud ALMEIDA, 2013, p. 57).

Durante muito tempo (e até hoje), dentro do campo da arte, os sociólogos sofreram muitas críticas sobre sua perspectiva de abordagem da obra artística. Eles eram acusados pelos humanistas de praticar uma espécie de *reducionismo sociológico*, que consistiria, grosso modo, em conceber a obra de arte como resultado ou produto de um ou mais fenômenos sociais, como se ela fosse, grosso modo, um reflexo do mundo social – essa crítica foi direcionada inicialmente para os cientistas sociais de alinhamento marxista, mas se estendeu a muitos outros também, assim como aos mencionados acima.

Se em muitos casos essa ressalva é válida, também é verdade, como lembra ainda Zolberg (2006), que os críticos e os filósofos da arte acabam também caindo em outro tipo de *reducionismo*, quando levam ao paroxismo suas assertivas sobre a "aura" da obra e do autor, fazendo com que as

considerações estéticas pareçam que cabem só a eles próprios, implodindo, assim, qualquer possibilidade de universalismo – tão propalada por eles próprios.

É por esses debates já terem sido travados à exaustão, e por estarem, diga-se, até certo ponto exauridos, que uma saída começou a ser trilhada. Zolberg (2006) reivindica, por exemplo, um terceiro tipo de abordagem, chamada de *sintética*, que buscaria equalizar, de maneira minimamente satisfatória, análises estéticas e extra-estéticas.

Isso não sugere uma completa conversão do sociólogo, que teria de se transportar para o terreno dos estetas. Significa, antes, que para proceder de maneira eficaz à análise do objeto artístico, ele teria que adicionar ao seu conhecimento dos aspectos estruturais um mínimo de saberes relativos à estética, à forma, à linguagem. Em suma, aos ditos elementos internos.

Por fim, vale frisar que o chamado para uma abordagem sintética da arte não quer esgotar a questão, nem tampouco deslegitimar análises que podem (e ainda continuam a) ser feitas tanto de um lado quanto de outro. O que se quer, antes, é conjugar duas perspectivas que se encontram contraposto mais por elementos de ordem acadêmica, institucional, e, por consequência, política, mas que epistemologicamente, juntas, podem ser bastante produtivas para estudos sobre arte.

Antônio Cândido: uma proposta de análise sintética para a literatura

Antônio Cândido cursou a graduação em Ciências Sociais na USP no período que vai de 1939 a 1941. Logo em seguida, em 1942, começa como assistente do Professor Fernando Azevedo, na cadeira de Sociologia II, atividade que exerce até 1958. Antes, ainda em 1954, apresentou sua tese para obtenção do título de doutor, *Os Parceiros do Rio Bonito*, talvez sua maior contribuição para a sociologia brasileira (JACKSON, 2001).

Mas sua trajetória intelectual também está intimamente ligada ao campo das Letras, no Brasil. Isso porque ele foi o mentor, e, durante muito tempo, principal executor, acumulando as tarefas de professor e orientador, do curso de

Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC), da Universidade de São Paulo (USP), no período que vai de 1961 a 1970, tendo formado, nesse tempo, os principais nomes da crítica literária do Brasil (RAMASSOTE, 2010).

Entretanto, essa mera linha cronológica pode enganar, por sugerir uma clara separação entre o sociólogo e o crítico literário. Na verdade, a preocupação com a literatura já era premente no cientista social em formação Antônio Cândido, que contribuiu nos anos 1930 e 1940, com diversos estudos literários em suplementos culturais da imprensa paulista – tendo chegado, mesmo, a publicar alguns livros (RAMASSOTE, 2010).

Outro fator que reforça a proximidade entre as duas pontas do mesmo intelectual, é a sua defesa de tese, baseada no método crítico de Sílvio Romero, para obtenção do título de livre-docente em Letras, em 1945 – quando estava plenamente vinculado à sociologia. Ainda nesta toada, Jackson (2001) revela que *Formação da Literatura Brasileira e Os Parceiros do Rio Bonito* foram escritos ao mesmo tempo, indicando que o crítico se mistura ao sociólogo e vice-versa.

Isso tudo para ressaltar que concorrem em Antônio Cândido duas grandes vertentes, que não se separam, e que talvez sejam a chave para entender porque ele é conhecido por ter um método de abordagem da obra literária que não abre mão dos elementos estéticos e nem dos sociológicos.

Dito isto, passemos diretamente para a análise um texto de Antônio Cândido, intitulado *Crítica e Sociologia*, contido no livro *Literatura e Sociedade*, cuja primeira edição data de 1965, e que, segundo ele mesmo define no prefácio, é um dos artigos mais “empenhados teoricamente”. Ou seja, aqui deve-se achar, de maneira clara, a proposta para o método da análise crítica.

É sintomático, para o que este estudo se propõe, isto é, compreender que tipo de relação se estabelece entre o objeto artístico e o meio social, que logo no início do texto um enunciado salte aos olhos: “Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que análise estética precede considerações de outra ordem” (CANDIDO, 2006, p. 13).

Ou seja, ele chama atenção para o fato de que é indispensável um conhecimento estético para compreender a complicada relação obra-ambiente. Mas em termos do que nos interessa sobre método, vale ressaltar que o tipo de abordagem proposta por ele tenta equilibrar perspectivas formalistas e externalistas: "Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo **texto e contexto** numa **interpretação dialeticamente íntegra**" (CANDIDO, 2006, p. 13, grifo nosso).

Os termos acima foram grifados porque, a meu ver, são palavras que mostram que Cândido não está no terreno dos enunciados vazios e gerais; e que apontam qual o caminho metodológico que se deve seguir para matizar o elemento social no formal: "Sabemos, ainda, que o **externo** (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, **interno**" (CANDIDO, 2006, p. 14, grifo nosso).

Temos, então, apontado de forma direta onde deve-se procurar o elemento social: dentro da obra. E é por isso que um conhecimento estético se faz necessário, para que se possa apreender esse "social" que se imiscui no "formal". E é por isso, também, que "sistema articulado", "interação dinâmica", "fermento orgânico", "interpretação dialética", vão ser sempre palavras-chave no programa metodológico de Cândido, porque vão tentar exprimir essa relação dual, mas ao mesmo tempo condensada e una, de aspectos externos e internos.

E por falar em programa metodológico, Cândido não se furta a dar uma definição sucinta do seu:

A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, [...], que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra (CANDIDO, 2006, p. 15).

E neste tipo de abordagem, o fator social (tão caro aos sociólogos) ao invés de ser tomado como determinante para a obra literária, será tido como um elemento que atua em sua formação; ou seja, o social não é apenas matéria-

prima, objeto de que trata a obra, mas que atua intimamente na sua constituição, com ela se confunde. Para Candido:

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no **nível explicativo** e não ilustrativo (CANDIDO, 2006, p. 16 e 17, grifo nosso).

Sabendo, portanto, onde localizar os fatores sociais numa análise literária, uma outra etapa, pensando metodologicamente, deve ser realçada: o processo que “filtra” os aspectos externos e os repõe na obra:

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese (CANDIDO, 2006, p. 22).

Ele ainda assinala que “Essa liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva” (CANDIDO, 2006, p. 22). Ou seja, não há uma passagem direta do social para o formal. Em outros termos, significa dizer que entre a obra e a realidade se interpõem alguns mediadores, tais como instrumentos próprios do artista- sua linguagem-, a forma que ela tomou no decorrer da história e a sua realidade empírica vivida; de maneira sucinta, pode-se dizer que a obra não simboliza o social, mas o ressimboliza (LEENHARDT, 1998).

Essas considerações nos levam a um conceito central da proposta metodológica de Antônio Cândido, o de *redução estrutural*. Esta redução consistiria, grosso modo, na técnica utilizada pelo escritor para *reduzir* aqueles aspectos do ambiente social à fatura interna da obra. É neste íterim que a análise crítica deve ser centrada, e é nela que se encontrarão os principais elementos para a compreensão do objeto literário.

O método, portanto, da análise crítica procura apreender os laços entre obra e realidade social via a "estrutura literária"²⁰, que é a solução teórica alcançando pelo autor, a forma específica que cada obra toma, a sua organização interna de elementos, que vão formar aquilo que Cândido chama de *todo coerente* (SANTANA apud JACKSON, 2013).

Outro ponto basilar para a proposta metodológica de Antônio Cândido é a tríade "autor-obra-público". Para ele, as dinâmicas que envolvem a relação arte e sociedade se dão nestes três âmbitos, de maneira dialética, cada qual influenciando no outro, de maneira que captar a função social de uma obra é atentar para esses aspectos. (CANDIDO, 2006)

O autor faz parte do que ele chama de aspectos estruturais da sociedade. E o que deve ser averiguado é como ao autor é atribuído um papel específico de criador de arte, e sua escala na posição social. Isto não só de forma isolada, mas pela formação de um grupo de artistas. Depois deve ser indicada que posição ocupa esse grupo de artistas (e o artista em foco) na hierarquia social e como se deu esse processo de diferenciação.

A obra, por sua vez, vai depender diretamente do artista e das suas condições sociais de produção – o que a vincularia também aos aspectos estruturais. Mas nela, é importante buscar os valores e ideologias que lhe permeiam e os sistemas de comunicação que permitiram sua circulação, lembrando que o primeiro elemento interfere mais no seu conteúdo e o segundo mais na sua forma.

O público, que só nas sociedades modernas e estratificadas pode ser dito como diferenciado, é definido por Cândido como "conjunto informe", "massa abstrata ou virtual". Quanto mais complexa a estrutura social, mais diversificado é o público, que tem uma força enorme sobre o artista e sua atividade criadora.

²⁰O termo *estrutura* no programa de Cândido está muito mais próximo da antropologia inglesa (Radcliffe-Brown e Edmund Leach) do que da antropologia francesa (Claude Lévi-Straus), assim como o seu conceito de *sistema literário* se aproxima da noção de o "sistema cultural" dos dois primeiros autores. Isso foi afirmado pelo próprio autor (CANDIDO, 2006, p. 9). O segundo conceito (sistema) denota o afastamento de Cândido de uma linha estruturalista na abordagem da obra, ao contrário do conceito de campo de Bourdieu (SANTANA, 2013).

Para finalizar, e tocar no último aspecto mais central das formulações de Cândido, é de suma importância atentar para a constituição da personagem – que foram mencionadas anteriormente em dois exemplos citados no primeiro tópico, que se dedicou a explicar o objetivo da pesquisa, e que vão aparecer futuramente na dissertação. Para Anatol Rosenfeld (2007), a personagem da literatura “é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como psíquico”.

Para tal empreitada, o que interessa, neste caso, é esmiuçar o processo de *seleção estrutural*, nos termos de Cândido (2007), na constituição da personagem. O que autor deixa de fora e o que ele inclui; o ele que salienta e o ele que minimiza; em outros termos, tudo aquilo “que leva o escritor a selecionar e organizar de maneira coerente num personagem uma gama de ‘traços, gestos, frases, objetos significativos’ capazes de torná-lo verossímil na economia interna da obra” (RAMASSOTE, 2010, p. 16). Enfatizando sempre que nesta tarefa “importa antes a escolha de elementos expressivos entrosados com a composição geral da obra do que a cópia fiel da realidade” (RAMASSOTE, 2010, p. 16).

Feitas todas estas explanações, considero que a parte fulcral da abordagem metodológica de Cândido, mesmo que de maneira não-extensa, foi exposta aqui. A aplicação deste método pode ser encontrada em outros trabalhos do mesmo autor, como *Dialética da Malandragem* e *De cortiço a cortiço*, em que ele analisa, respectivamente, *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Considerações finais

Por fim, da mesma maneira que comecei este tópico com considerações sobre a trajetória intelectual de Antônio Cândido quero finalizá-lo com breves ponderações sobre ela mesma. Sabe-se que todo este aparato conceitual foi construído por Cândido qual ele já estava no terreno (institucional) das Letras, e não da Sociologia.

Mas penso que isso não invalidaria o uso deste método para pesquisas em sociologia da arte e da literatura. Uma das principais ressalvas feitas por Zolberg (2006) é justamente sobre a apropriação do estético por parte de alguns, e com isso revela, tão somente, uma disputa política, e não uma incompatibilidade epistemológica.

Ademais, a própria trajetória de Cândido mostra que a sociologia está sempre muito presente em suas preocupações. E até alguns trabalhos, com o de Santana (2013) e o de Jackson (2001), sustentam que mais do que demarcar o espaço de uma disciplina, a empreitada de Cândido revela um sintetização de crítica literária e sociologia.

A esse respeito, uma frase sua, que consta do prefácio à 3ª edição de *Literatura e Sociedade*, é reveladora: "me convenço cada vez mais que só através do estudo formal é possível apreender convenientemente os aspectos sociais" (CANDIDO, 2006, p.10). Preocupações próprias de um sociólogo poder-se-ia dizer.

Referências

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977a.

_____. *Mundos artísticos e tipos sociais*. In: VELHO, Gilberto (Org). **Arte e Sociedade: ensaios sobre sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977b.

_____. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. Antônio. *A Revolução de 1930 e a cultura* In: Educação pela noite e outros ensaios. SP: Ática, 1989.

_____. Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. Dois volumes.

_____. *A Personagem do Romance*, In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2007.

JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição Esquecida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
_____. *A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n.1, 2004, p. 263-283.

_____. *Tensões e disputas na sociologia paulistas (1940-1970)*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.22, nº 65, outubro, 2007b, p. 33-49.

JAMESON, Frederic. *Marxismo e Forma*. São Paulo: Hucitec: 1985.

JOHNSON, Randal. "A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)". *Revista da USP*, São Paulo, junho/agosto, 1995.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, J. V. de; SOARES, P. M. F. Agência, estrutura e objetos artísticos: dilemas metodológicos em sociologia da arte. Disponível em:
<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4879&Itemid=357>

ORTIZ, Renato José P. *A moderna tradição brasileira*. Cultura brasileira e indústria cultural. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. *A Sociologia Clandestina de Antônio Cândido*. *Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 219-237, jun. 2008.

_____. *A formação dos desconfiados: Antônio Cândido e a crítica literária acadêmica (1961 – 1970)*. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

ROSENFELD, Anatol. *Literatura e Personagem*. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspetiva S/A, 2007.

ZOLBERG, Vera. **Para uma Sociologia das Artes**. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

Recebido: 12 jun 2015
Aceito: 05 set. 2018